

Constance ajudava-o em tudo quanto podia, e no começo com paixão. Minuciosamente ele lhe expunha as idéias e ela fazia os maiores esforços por penetrá-las a fundo. Desejava ardentemente absorver-se na obra do marido.

A vida material contava por muito pouco. Connie dirigia a casa, mas conservando a velha governanta, magra e seca, do tempo de Sir Geoffrey. Também as outras criadas eram de idade. Tudo velho em Wragby, o que agravava a tristeza da mansão. Aquela enorme série de aposentos, aquela rotina tradicional, o serviço mecanizado, a limpeza automática, a vida de irritante pontualidade — para Constance tudo não passava de anarquia organizada. Nenhum calor dava vida àquela mansão, triste como se fora rua deserta.

Como reagir contra semelhante estado de coisas? Impotente diante da tradição, Constance deixou a vida correr. De vez em quando surgia Ema por lá, com o seu rosto seco de aristocrata orgulhosa, e exultava por não ver mudança. Mas, no fundo do coração, não perdoava à cunhada ter-lhe roubado o irmão. Ela sim, é quem devia estar ao lado dele, ajudando-o na carreira literária. Contos assinados por um Chatterley deviam ter unicamente a colaboração dos Chatterleys.

Certa vez em que o pai de Constance apareceu de visita à filha, a verdade escapou-lhe dos lábios. "Os contos de Clifford, disse ele, revelam habilidade, mas não há nada dentro. Passarão depressa." Connie encarou-o, espantada. Nada dentro? Que queria dizer com isso? A crítica elogiava-os, o nome de Clifford estava quase famoso e até dinheiro aquela literatura rendia. Que mais desejava seu pai?

Connie tinha adotado o critério dos moços: o momento presente é tudo. O que tinha de vir era de valor secundário.

Em outra visita o velho Sir Malcolm abordou Constance com estas palavras: "Espero, Connie, que as circunstâncias não te obriguem à vida de semivirgem."

— Semivirgem? — repetiu a moça. — Por quê? Ou por que não?

— Bem, se aceitas essa renúncia, o caso é outro — apressou-se a dizer o velho. E a Clifford declarou a mesma

coisa, quando se viu a sós com ele. "Muito receio que Connie não se adapte a esta vida de semivirgem."

— Semivirgem? — também repetiu o moço, e ficou a pensar por um momento. Por fim corou, encolerizado e ofendido.

— E por que não conviria esse estado a Constance? — perguntou com rispidez.

— Porque... porque emagrece uma criatura, torna-a angulosa, como ela já se está tornando. Constance não nasceu para arenque defumado: é uma truta escocesa.

— Sem as manchas, naturalmente — replicou Clifford irônico.

Mais tarde quis abordar a esposa sobre aquela história de semivirgem, mas não o conseguiu. Havia e não havia intimidade entre ambos. Havia intimidade espiritual, mas nenhuma corporal. Eram íntimos que não se tocavam.

Connie, porém, adivinhou que o pai havia falado naquele assunto ao marido e que este não tinha ânimo de aventá-lo. Tinha certeza de que a Clifford era indiferente que ela fosse *demi-vierge* ou *demi-mondaine*, desde que não tivesse certeza de nada. O que os olhos não vêem e o espírito ignora, não existe.

Dois anos se passaram assim, naquela tristeza de Wragby, ambos absorvidos no trabalho literário. O interesse do casal concentrava-se, vivamente, na obra que, na realidade, parecia encher-lhes a existência. Fora da literatura nada mais existia. Os criados eram espectros, sombras — de nenhum modo seres vivos.

Constance passeava pelo parque e florestas vizinhas, sentindo a solidão, colhendo flores ou frutas silvestres. Mas aquilo não era mais que um sonho, um simulacro de realidade. As folhas dos carvalhos pareciam-lhe vistas a um espelho; ela própria era uma personagem de romance lido, a colher flores-sombras, ou flores-recordações. Em nada enxergava substância, realidade. Sempre, sempre, aquele viver monótono em companhia do esposo inválido, aquela literatura sem fim em que seu pai não via fundo. E por que havia de ter fundo? Que necessidade tinha de duração? Não basta a cada instante da vida a *aparência* da realidade?